

# Os vasos comunicantes do terror

LUIZ CARLOS LISBOA

A violência que culmina nas bombas e na covardia dos atentados à distância começa nas palavras duras, nos rótulos infamantes e na intolerância expressa nas opiniões. Uma posição política rígida, não importa onde ela se situa no espectro ideológico, não pode levar ao arrependimento ou à violência desesperada. A dificuldade mais comum nesses casos consiste em verificar que as idéias e fins do terror perdem toda importância diante da forte caracterização dos homens que o praticam à luz da psicopatologia. Corporativismo, socialismo, justicialismo, os fundamentos que inspiram a violência tornam-se apenas pretextos, palavras vazias que servem para encapuzar o fanático, o "predestinado", o psicopata.

A irracionalidade do terrorismo ficou evidente entre nós, nos últimos dias, com a unanimidade automática de todas as correntes de opinião brasileiras contra o ato que suprimiu de maneira cruel uma vida inocente, como são quase sempre as das vítimas desse ativismo implacável. A selvageria não beneficiou ninguém, não conseguiu a lugar nenhum, não precipitou um único acontecimento político — ao contrário do que pensam os que esperam capitalizar todos os acontecimentos em seu benefício. É irracional e gratuito, o que amplia titimadamente o seu horror, o movimento de pedras que não altera as posições no tabuleiro do jogo. A inutilidade das mortes, dos ferimentos, do pânico e das tensões é sempre constatada tarde demais, quando vidas — de pessoas geralmente apolíticas, como a maioria do povo brasileiro — já foram irremediavelmente colhidas ou feridas para sempre.

Os exemplos vindos do Exterior encorajam os que já estão suficientemente motivados pelo que o presidente da República chamou de "insanidade". A contribuição local para que se puzo o gatilho ou o pino da violência são as palavras intolerantes, os pronunciamentos ranciosos e inflamados, a rotulagem ideológica, os desafios machistas feitos das tribunas. A democracia tem convidado, em toda parte, com uma certa dose de irracionalidade — na Itália, na Alemanha, no Japão, na França —, mas nesses países a situação difere muito da nossa, em termos de estabilidade institucional e maturidade política. Quando o governo brasileiro dá indicações muito claras, no dia seguinte à violência contra a OAB, de que está disposto a não se desviar da linha que conduz ao aperfeiçoamento democrático, demonstra que entendeu perfeitamente as intenções do terror, e revela o propósito claro de contrariá-lo.

A idéia de explorar a violência atraindo lucro político é uma forma de vampirismo que sobrevive com extraordinária robustez no Brasil. Esse mal inevitável, tão bem manipulado pelo populismo no passado, é hoje um dos instrumentos mais caros da saturação ideológica no mundo inteiro. A educação política não fará esse flagelo desaparecer. Vai fazer, isso sim, que os sentidos do homem da rua adquiram projeção contra o sentimentalismo conduzido numa só direção, contra a mentira feita de uma dezena de pequenas verdades. Essa educação, porém, está longe de se completar em nosso País. E mesmo duro admitir que ela não começou a ser devidamente processada, não obstante as oportunidades que tivemos para iniciá-la.

Nem toda a retórica do mundo é suficiente para esconder o fato de que a violência habita o ser humano em graus variáveis, que essa violência pode ser estimulada, desencorajada ou dissolvida pelo conhecimento que ela não nasce pronta em suas piores conseqüências, mas surge e cresce nas pequenas intolerâncias, nas filosofias que se alimentam do ódio e na ignorância em geral. Um homem não descobre um dia sua vocação para matar desconhecidos por meio do envio de uma bomba num envelope. Essas coisas ganham corpo ao longo de indulgências, de preconceitos, de ilusões alimentadas dia a dia. A violência contida nas nossas convicções políticas, e na maneira como manifestamos nossas fórmulas de salvação nacional ou mundial, essa pequena violência "suportável" é a semente da outra, que se transforma em árvore no terreno próprio, e que torna um homem capaz de matar de longe alguém que desconhece, mas de quem talvez até gostasse muito se as circunstâncias fossem outras e o mundo não fosse um sistema de vasos comunicantes onde todos influenciam todos a todo momento.

Descontos até 80% e 5 pagamentos sem acréscimo. Últimas oportunidades da liquidação Prelude.

# Sarney tentará a união para garantir abertura

Da sucursal de BRASÍLIA

O presidente do PDS, senador José Sarney, vai procurar, na próxima segunda-feira, em Brasília, os presidentes do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, e do PP, senador Tancredo Neves, para discutir com eles "a criação de um programa mínimo capaz de afastar as ameaças que pesam sobre o projeto de redemocratização do País". Ele assinalou ainda: "O entendimento, a nível de partidos e do Congresso, resguarda a todos nós de interpretações malévolas que possam surgir. Não estamos querendo a união nacional, a coalizão partidária, nem a fuga às nossas responsabilidades políticas e sim fazer funcionar os partidos. Para isso, eles existem. Eles são os instrumentos normais de negociação."

Apelo semelhante foi feito pelo presidente da Câmara, deputado Flávio Marçílio: "O momento é de todos os legítimos de luta pela conquista do poder, unirem numa solidariedade patriótica ao presidente da República em sua ação antiterrorista". Marçílio mostrava-se visivelmente preocupado tendo-se encontrado ontem com o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães e, à tarde, recebido a visita do presidente do PP, senador Tancredo Neves.

Para Sarney, "a consciência em torno da necessidade do entendimento de alto nível não se deve esgotar na emoção dos lamentáveis fatos ocorridos no Rio de Janeiro. Devemos prosseguir com a determinação de que somente o entendimento entre partidos políticos a nível do Congresso Nacional poderá criar programa mínimo capaz de conjurar as ameaças que pesam sobre o projeto de redemocratização do País".

No raciocínio do presidente do PDS, "o caminho da normalização não é fácil e todos sabem que existem, permanentemente, interesses e forças desajustadas que não aspiram à volta do País a um nível de convivência democrática".

Sarney anunciou: "Espero, na próxima semana, encontrar-me com Ulysses Guimarães e Tancredo Neves, no início da tentativa de uma reflexão dos nossos partidos sobre a atualidade brasileira, e a necessidade de assumirmos, como partidos políticos, uma atitude de consultas permanentes, com a finalidade de, respeitadas as posições de cada um dos grupos políticos que representamos, encontrar um terreno comum de interesse público que possa facilitar a solução de nossos problemas. Acredito que a presença dos partidos, em encontros dessa natureza, ajudará ao funcionamento dos instrumentos básicos da democracia moderna, representados pelos partidos".

MARÇÍLIO

Acredita-se que o presidente da Câmara, deputado Flávio Marçílio, procure, nos próximos dias, manter contatos com os presidentes do PDT, Leonel Brizola, do PT, Luiz Ignácio da Silva, e do PTB, Ivete Vargas.

O presidente da Câmara não diz se está agindo por sugestão de autoridades do Executivo ou por decisão própria. Ontem, após a ameaça anônima à sua residência oficial, às margens do Lago, ele procurou o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães. Conversaram pelo telefone e, pouco depois das 11 horas, ele deixou a Câmara, dirigindo-se à SQS 309, onde reside o dirigente oposicionista. Foram juntos ao aeroporto e, na conversa, o tema predominantemente foi a ocorrência dos atentados, notadamente contra a OAB e à Câmara Municipal do Rio.

Para Flávio Marçílio, "o presidente da República é a garantia do prosseguimento do projeto de abertura, que nos conduzirá à normalidade democrática" — disse ele. Voltando do aeroporto e recebendo em seu gabinete a visita do presidente do PP, mostrou-se discreto, evitando dar detalhes de suas conversas. O senador Tancredo Neves revelou que fora levar solidariedade ao presidente da Câmara, devido à ameaça anônima de uma bomba na residência oficial do deputado cearense.

Diante da insistência dos jornalistas, Marçílio disse que, na sua opinião, tudo deve ser feito em apoio à determinação do presidente Figueiredo de não se afastar da meta de redemocratização, apesar dos atos terroristas. "Todos os partidos devem manifestar apoio e solidariedade ao chefe da Nação, sem prejuízo da luta política de cada um, pela conquista do poder. Não se trata de adesão, de governo, de coalizão. Trata-se, isto sim, de uma opção político-partidária, do governo, dos partidos, da sociedade, na defesa da abertura democrática."

## No Senado, editorial sobre censura

Da sucursal de BRASÍLIA

O Senado aprovou, ontem, a transcrição em seus anais do editorial intitulado "A difícil vida dos princípios", publicado no jornal O Estado, na edição do dia 22 de agosto deste ano. A transcrição atendeu a requerimento do senador Franco Montoro (PMDB-SP) que lembrou a luta do Estado e do Jornal da Tarde contra a censura do governo Médici, à qual se refere aquele editorial.



A conciliação nacional começa por Tancredo e Marçílio

## Marchezan justifica o apelo à conciliação

Das sucursais

O líder do PDS na Câmara dos Deputados, Nelson Marchezan, defendeu ontem a aproximação entre o partido do governo e as oposições para o combate aos atos de terror em todo o País, reconhecendo que "este é hoje um assunto negociável para a união dos partidos e a abertura do diálogo e conciliação nacional".

"Sem deixarmos de ser governo ou oposição", disse ele, "podemos nos unir para combater o terror em favor da paz e da concordia no Brasil". Ele considerou que a aproximação entre situação e oposicionistas deve começar por "pontos que podem ser de entendimento comum".

No entender do líder do governo, "não há hoje brasileiro que não aplauda o gesto do presidente Figueiredo, inclusive os setores do eleitorado que elegem a oposição, estando favoráveis aos apelos do presidente contra os atos de terrorismo".

Ele considerou porém que, "do ponto de vista formal, o governo prescinde do apoio da oposição para consolidar suas medidas, mas do ponto de vista da opinião pública seria importante uma conciliação. Continuando ele, "na reunião de hoje (ontem), o presidente ressaltou a conciliação e a mão estendida, mais uma vez".

Nelson Marchezan, ao identificar as dificuldades de aproximação entre governo e oposição, garantiu que "o presidente João Figueiredo está aberto às sugestões da oposição, desde que isso signifique projetos alternativos e não pressões contra sua equipe".

Ao afirmar que "na oposição tem muita gente sensata", Marchezan defendeu a necessidade de serem apresentadas sugestões e programas ao governo "que teria humildade de aceitá-las".

Em resposta às indagações sobre a ausência de representantes do governo nos funerais de Lyda Monteiro, secretária da OAB, vítima fatal da explosão de bomba no Rio de Janeiro, o líder do governo disse que "o governo foge às atitudes que possam assumir aspecto eleitoral".

E lembrou a ausência do presidente Figueiredo em Manaus para se despedir do papa João Paulo II, apesar de ter ido a Porto Alegre para se despedir do general Videla, presidente da Argentina.

SENADO

O presidente do Senado e do Congresso Luiz Vianna Filho, rebateu ontem em Belo Horizonte a tese da coalizão nacional, defendendo, todavia, a pacificação nacional "que facilite a democratização do País, a qual somente poderá ser conseguida por meio de compreensão e não da radicalização". Luiz Vianna Filho criticou a oposição por manter "um estado de espírito radical contra todas as propostas do governo".

O presidente Figueiredo já disse estar com a mão estendida, observou o senador, ao ser indagado sobre o apoio oferecido pelas oposições ao presidente para a purgação dos atentados poderia facilitar o diálogo do governo em elas.

Por fim, Luiz Vianna disse desconhecer qualquer iniciativa do governo em transferir-lo para a presidência do PDS, vindo o senador José Sarney a ocupar a presidência do Senado. "Na minha opinião seria até prejudicial para o partido se a gestão do senador Sarney fosse interrompida", afirmou.

## Dirigentes da oposição estão com o presidente

Em contatos mantidos nos últimos dias, dirigentes do PP, PDT, PTB e alguns setores do PMDB decidiram solidarizar-se com o presidente da República por meio de um documento. Figueiredo tornou evidente, em suas declarações, que pretende combater o terrorismo.

O entendimento entre os partidos oposicionistas não significa que eles irão ao Palácio do Planalto para demonstrar sua solidariedade. Na próxima semana, os oposicionistas deverão manifestar-se no Congresso, a favor da atitude do presidente. Eles escolheram essa época por duas razões: primeiro, porque será a Semana da Pátria que, para os oposicionistas, "inspira todos a resolver suas divergências dentro de normas civilizadas"; segundo, porque será votado o projeto de prorrogação dos mandatos de prefeitos e vereadores, contra o qual se manifestarão os membros da oposição. Com o apoio a Figueiredo no caso do terrorismo, na opinião deles, ficará demonstrado que se faz oposição ao governo e não ao País.

Os principais dirigentes oposicionistas acham que o presidente da República deve ser apoiado naquilo que fizer a favor do interesse nacional. A maioria deles tomara essa atitude, embora se comente que o PMDB poderá ser exceção. Se isso se confirmar, os outros partidos manterão seu apoio ao presidente João Figueiredo, porque consideram a ordem mais importante de que a manutenção de uma imagem de unidade das oposições.

Apesar dos comentários, no entanto, um dos principais dirigentes

do PMDB, senador Franco Montoro, garantiu ontem que "o presidente da República terá o apoio de todos os brasileiros para combater atos de terrorismo". A afirmação de Montoro foi feita logo depois que o vice-líder do PDS, senador Alípio Chaves, do Pará, reproduziu o discurso pronunciado por Figueiredo em Uberlândia, no qual ele condena os atentados.

Por seu vez, o vice-líder do PMDB, senador Pedro Simon, do Rio Grande do Sul, acha que, com sua experiência em órgãos de informação, o presidente Figueiredo "tem credenciais para resolver o problema do terrorismo no País". Para Simon, se o governo decidir acabar com os atentados, "resolverá rapidamente o problema, pois, nesse campo as autoridades têm condições e capacidade".

O senador gaúcho disse que o PMDB não defende o "quanto pior, melhor", porque é favorável à normalização democrática "e o terrorismo que afeta a estabilidade das instituições nacionais".

A posição do partido, segundo Pedro Simon, é clara: "Toda a ação destinada a terminar com o terrorismo tem o endosso do partido. Os terroristas não aceitam sequer a realidade que ali está, buscam enganar a Pátria e querem a instalação de um regime radical, que tire da população as liberdades que ainda existem. Já o PMDB defende uma realidade melhor, que só será alcançada com a democracia, com eleições diretas e com a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte".

## Tancredo e Brossard dialogam com o PDS

O presidente do Partido Popular, senador Tancredo Neves, elogiou ontem, como já havia feito anteriormente, o senador José Sarney, o pronunciamento do presidente Figueiredo em respeito aos atentados ocorridos no Rio e São Paulo.

A reunião na residência do presidente do PDS estiveram presentes os ministros Golbery do Couto e Silva e Ibrahim Abi-Ackel, os senadores Tancredo Neves, Paulo Brossard (líder do PMDB), Luiz Vianna Filho (presidente do Senado), Jarbas Passarinho (líder do PDS) e o secretário particular do presidente Figueiredo, Heitor de Aquino, além de outras pessoas.

Durante o jantar, Brossard e Tancredo, considerados representantes da oposição "não radical",

cumprimentaram o ministro Golbery pela entrevista que concedera à imprensa, no gabinete de José Sarney.

Tancredo Neves insistiu em destacar o pronunciamento de ontem do presidente da República, quando recebia os dirigentes do PDS no Palácio do Planalto. "Segundo Tancredo, foi o discurso mais importante, desde que Figueiredo tomou posse".

O senador mineiro admitiu, ainda, que a iniciativa de Sarney de reunir representantes de diversas tendências políticas, teve o mérito de "começar o degelo". Segunda-feira, Tancredo deve procurar o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, que já se mostrou disposto a dialogar, reclamando apenas uma pauta prévia.

## Dos Leitores

### "Até quando?"

Sr.: Fiquei estupefocado ao saber do INPC publicado nesta data (28 de agosto) e que servirá como base para reajustes salariais dos disfarçados a serem celebrados em setembro. Que farsa! Que manipulação! Até quando?

Enquanto a inflação está galopante, com mais de 120% a.a., os salários dos trabalhadores são reajustados a uma taxa de 7,7% a.a., 87% a.a. e 53% a.a. Que justiça! Mas afinal somos todos responsáveis. Fosse um País de gente séria as coisas não chegariam a tal ponto. E pior, chega e acontece e todos ficam acomodados e ninguém age. É o caso. Homens que manipulam dados, que são a favor do capitalis-

mo selvagem, amantes das multinacionais, se mantêm no ápice das decisões. Que País, hem!

Homens que decidem sobre "Negócios Especiais" beneficiando amigos e a si próprios, por algum de todos nós, entre os quais podemos citar, ou melhor rememorar os mais recentes: Caso Abril, Lutfalla, Econômico, Atalla, Jari, Ações do Vale do Rio Doce, etc, etc.

Mas, se culpados somos todos, resta uma esperança. E mudarmos de posição e tirarmos do centro decisorio o "grupeto" que se apodera do País e está levando-o ao abismo. Wilmar F. Resende, Manaus.

### Um país de muitos "milagres"

Sr.: Houve tempos em que a vida transcorria calma e serenamente no País do Futuro. Mas, um dia, o futuro que pensaram alguns houvesse chegado, transformou a vida dos cidadãos daquele País. Diziam muitos que a dita andava dura, outros que estava próxima a hora de os cidadãos terem o direito de tentar, como o voto, a transformação.

Passaram-se os anos, e muitas foram as manifestações, umas a favor do direito do povo escolher a pessoa que deveria governar e outras, com força, a favor de uma lei e gradual transformação.

No meio do período houve milagres de toda a sorte: econômicos, sociais, políticos; criaram até homens iluminados, aos quais foram chamados blônicos.

Mas, o País do Futuro "prá frente" e foram realizados novos milagres. Nos céus do País, não havia mais a Pan Air, mas surgiram entre céus e terra alguns que um Zaz-Traz, ou Val-Vasp; davam notícias de que o nosso teto não era bem nosso. Isto aconteceu porque do Val-Vasp em que andava o País, o Val caiu e só ficou a Vasp.

Um dia a Vasp, cansada do maratonar em que vivia, resolveu botar as asas de fora, e não foram curtas, pois que internacionais. E o País? Ah, este seguiu lento e gradualmente...

Enfim chegou outro dia. De re-

mente a Vasp caiu. E quase ao mesmo tempo o Nosso Teto caiu. E o povo do País do Futuro descobriu que a "ladinha" da Vasp havia caído, porquê? Espusaram suas asas em lugar indevido (embora, por algum tempo, tido como incerto e não sabido), assim como o Nosso Teto, que, na verdade era só da Caixa, caíra sobre outras cabeças, em vez de abrigar as que dia a dia procuravam um lugar para o merecido repouso, antes que o eterno sob sete palmos, viesse a ser necessário.

Daf pra frente ninguém mais sabia o que fazer quando alguém, do meio dos iluminados gritou: aumento o pão, substitua o leite pela soja, o feijão! Era mais um milagre que acontecia no País do Futuro... Esta é a história. Pode ser que não tenha bom senso, mas, no dia em que decidiram, no País do Futuro, em vez do Censo 80, respeitar o senso comum chegaram todos um consenso: um País não se engrandece com milagres, mas com o respeito às regras de como e por quem deve ser governado o País, e a essas regras deram o nome de Constituição, a qual passou então a ser jurada, respeitada e bem aplicada para que nenhuma dificuldade fosse mais resolvida quer por iluminados, quer por nomeados, quer por processados. E o povo ali então sorriu! Advogado Sidney Saravia Apolypse, Capital.

### A exposição de "Arte Plumária"

Sr.: No dia 23 sábado p.p., publicado esse jornal notícia elogiosa e, aliás, a meu ver, merecidíssima, sobre a exposição de "Arte Plumária" atualmente em exibição no Museu de Arte Moderna. Ocorre que, no texto, foi feita referência ao meu nome que, como presidente do Museu, seria a única pessoa que poderia autorizar a sua continuação. Nesse sentido, preciso e devo fazer um ligeiro mas importante reparo.

Não funciona o dito Museu a meu capricho. No presente caso ainda mais devo esclarecer que, trabalhando com toda uma equipe que valorizo, não poderia deixar de ouvi-la. Por outro lado, destaco que o adiamento não poderá ser feito por respeito à programação anual

do Museu, que já se comprometeu com duas retrospectivas (Flammingh e Sacilotto) que não poderiam ser adiadas até pela consideração que devemos a essas artistas.

Caso seja possível, não pouparemos esforços para que a exposição de arte plumária volte ao Museu dentro da programação do próximo ano, num tributo ao aniversário de muitos, entre os quais destaco o artista Norberto Nicola, membro de nossa Comissão de Arte e que tomou a si a organização dessa mostra, sem dúvida a mais completa do gênero feita até hoje no Brasil. Luiz Antonio Seraphico, presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo

### Estão seguindo os velhos padrões

Sr.: Esse combativo jornal noticiou dias atrás as atrocidades que foram praticadas contra a população da cidade de Propriá, no Estado de Sergipe, quando a polícia, tentando impedir a realização de uma missa de solidariedade à Igreja Católica local, sequestrou em carros com chapas frias vários trabalhadores, um líder sindical e, por cima de tudo, espancou violentamente um parlamentar do MDB.

Agora, tentando legalizar as prisões realizadas naquele dia, e outras, o delegado de polícia, combinado com o secretário de Segurança sergipano e com o prefeito e a juíza daquela cidade, está indiciando as vítimas em inquérito

policial como ladrões de cocos, já tendo decretado a prisão de várias pessoas, dentre as quais, tudo indica, está um padre.

No dizer de um habitante, estão seguindo "os padrões do nunca esquecido modelo Médici".

Os Hitlers regionais, não se adaptando aos novos tempos, continuam aplicando a arbitrariedade como consequência primeira da ilegalidade.

Cabe à imprensa nacional denunciar tais absurdos e se fazer de guia da Sociedade Brasileira de esta possa passar a exigir o respeito à Lei, dia em quem dor. Francisco Alves dos Santos Junior, Capital.

### "Quem aguenta tanta incompetência?"

Sr.: Tenho acompanhado, aqui do Sul, o desenrolar-se do chamado "escândalo Vasp", denunciado e amplamente divulgado pelo jornal O Estado de S. Paulo (entre outros) nas últimas semanas do mês de julho e agosto.

Atualmente, estou residindo em Porto Alegre, onde estudo Jornalismo e sou funcionário público federal.

Desejo, contudo, acrescentar um depoimento e uma crítica que — indiretamente — somam-se à "bagunça administrativa" reinante nesta companhia aérea paulista.

Acontece que eu mesmo residi em São Paulo e dispensei neste ano um razoável período de tempo exercendo inscrições, testes e seleções visando um emprego na Vasp — como comissário de bordo. Após perder praticamente um semestre letivo e outras chances profissionais, investindo tempo, paciência e dinheiro no moroso e incompetente processo seletivo, sou avisado (há poucas semanas atrás) de que ainda seriam necessárias novas seleções complementares com os candidatos (150 entre quase 5.000 que iniciaram os testes).

Eu e quantos mais passaram por tal situação? Gente jovem, universitária em sua maior parte, que foram tratados como "marionetes" nas mãos de uma empresa sem a

mínima reputação, presentemente. Parece que o slogan utilizado em suas campanhas publicitárias não corresponde em nada à realidade, pois é difícil achar algum resquício sequer de "padrão internacional" neste tipo de atividade para com seus próprios novos funcionários potenciais.

Complementando, informo que a referida seleção ocorreu a partir de janeiro de 1980 e estendeu-se até o mês passado, quando de um último contato da empresa convidando candidatos a novos testes. Isto, após a realização de seleções físicas, psicológicas e psicótécnicas, envolvendo candidatos de todo o País durante 6 meses.

E dizem que o "Brasil tem pressa de crescer" e que é preciso "investir nos jovens". "Semer empregos" e "desburocratizar", entre outras várias palavras de ordem de políticos, administradores públicos e privados. Quem aguenta tanta incompetência?

Espero que esta missiva seja divulgada, como um alerta a outros futuros candidatos a cargos na VASP — uma empresa em franca decadência. E para que o público e as autoridades saibam que ainda há muita gente neste Brasil brincando com coisa séria. No caso, nossa formação escolar e profissional. Mário Xavier Antunes de Oliveira Porto Alegre.

### Os projetos com incentivos

Sr.: Com referência à carta publicada no O Estado de S. Paulo, do dia 13 de agosto, assinada pelo sr. Henrique Berenhauer de Floriápolis, acerca dos projetos florestais com incentivos fiscais, houve uma incorreção que merece ser esclarecida. Afirma o sr. Berenhauer ser o incentivo fiscal florestal apenas concedido para reflorestamentos com área superior a mil hectares.

Entretanto, exatamente para corrigir uma dificuldade existente resultante da estrutura fundiária, no Estado de Santa Catarina e seus Estados vizinhos, bem como em outros Estados da Federação, que o sr. presidente da República e o sr. ministro da Agricultura acolheram proposta do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, estabe-

lecendo pelo Decreto nº 84.097, de 16 de outubro de 1979, como área mínima de plantio para os projetos de florestamento ou reflorestamento que pretendam beneficiar-se dos incentivos fiscais florestais, a área de 200 (duzentos) hectares e não os 1000 (mil) até então em vigor, referida na carta publicada.

O supracitado decreto modificou o redação do "caput" do artigo 13 do Decreto nº 79.046, de 27 de dezembro de 1976, que o sr. Henrique Berenhauer considerou como ainda vigente. Pieter W. Prange, Capital.

As cartas devem conter, bem legível, o nome e endereço completo e o número da carteira de identidade do remetente.